

*MARGUERITE VAN  
GELDERMALSEN*

*CASEI COM UM  
BEDUÍNO*

*TRADUÇÃO*

*SÓNIA OLIVEIRA*

**ASA**



## 1978: no início

«Onde estão hospedadas?», perguntou o beduíno. «Porque não ficam esta noite em minha casa, na minha caverna?»

Conheci Mohammad Abdallah em Petra. Estava sentada com a minha amiga Elizabeth nos degraus de pedra do Tesouro, encostada a uma enorme coluna, quando aquele jovem veio sentar-se mais abaixo e começou a falar connosco. Usava enrolado em volta da cabeça um lenço aos quadrados vermelhos e brancos, debruado com uma franja, e vestia um fato ocidental em tecido sintético verde-garrafa, com calças à boca de sino.

Elizabeth e eu tínhamos viajado juntas pela Grécia e pelo Egito e encontrávamo-nos na Jordânia há uma semana. Estava tudo a correr bem. Em Amã, ficámos em casa de um casal neozelandês que nos levou a todos os «locais de interesse». Visitámos o museu, a cidadela e o anfiteatro romano e fizemos excursões de um dia a Madaba, com o seu mapa em mosaico, e à bem preservada vila romana de Jerash, no Norte. Aí, algumas horas após a partida do último autocarro local, fomos salvas por um grupo de americanos no seu autocarro turístico com ar condicionado, que se fazia acompanhar por um guia local de nacionalidade jordana que respondia pelo improvável nome de Joe e falava

com uma pronúncia americana muito exagerada. Não só nos levaram de volta para Amã, como nos levariam a Petra no dia seguinte.

O ar condicionado do autocarro teve o efeito de amplificar o calor que se fazia sentir a meio da manhã, quando saímos para o parque de estacionamento poeirento à entrada da cidade antiga. O grupo tinha uma visita organizada e, antes mesmo que conseguíssemos fazer os nossos próprios planos, Joe apresentou-nos ao seu amigo Rashid, que, em tom muito formal, nos disse:

– Bem-vindas. Chamo-me Rashid e sou da aldeia do vale de Moisés. Vou mostrar-vos Petra.

Vale de Moisés era a aldeia com as casas em pedra e os pomares por onde havíamos passado no caminho, enquanto o autocarro descia como podia as montanhas, travando a fundo. Joe chamou a atenção para a fonte onde Moisés «bateu na pedra e a água correu» e, com a ajuda do microfone, explicou que tanto o vale como a aldeia tinham o mesmo nome: Wadi Musa, ou Vale de Moisés.

– *Lizabeth* – reconheceu ele. – Rainha *Lizabeth*<sup>1</sup>.

Elizabeth era uma australiana de pele bronzeada sem uma ruga na cara, apesar de ser alguns anos mais velha – e mais sensata – que eu. Sorria com benevolência, não deixando transparecer nada. Já conhecia bem aquela conversa.

Não havia portões nem era necessário pagar entrada, e Rashid garantiu-nos também que não iria cobrar-nos nada, pelo que pegámos na bagagem e seguimo-lo ao longo do caminho que levava a Petra.

Tínhamos atingido o ponto de saturação no que toca a ruínas. Nos últimos meses, tínhamos visto tantos museus cheios de antiguidades e tantos campos arqueológicos a abarrotar de colunas, que dificilmente conseguiríamos absorver mais factos históricos. Deste modo, prestei muito pouca atenção quando Rashid nos explicou que os Nabateus eram o povo dominante na região há centenas de anos. Não estava interessada. Limitei-me a andar, com uma sandália

<sup>1</sup> *Queen Lizabeth*, no original: referência à rainha Isabel II de Inglaterra. (*N. do E.*)

poeirenta atrás da outra. Não havia uma única sombra. Passaram um ou outro cavalo, levantando poeira e largando fezes que cheiravam a palha húmida. Durante algum tempo, o caminho levou-nos a montes de pedra arenosa que se iam tornando cada vez maiores e mais próximos, até que chegámos a um estreito sombrio que se abria no penhasco à nossa frente e que constituía a entrada para o Siq.

– Esta é a única entrada para Petra – disse o nosso guia. – É por isso que era tão fácil de defender.

Percebíamos bem porquê. O caminho tinha poucos metros de largura, ladeado de altíssimas paredes de rocha, em tons de vermelho e ocre, que impediam a penetração da luz solar, exceto quando esta encontrava uma brecha pelas folhas verdes das altas figueiras.

Os turistas do autocarro passaram por nós em cavalos troantes, rindo e acenando. Os homens que os guiavam envergavam vestes compridas e as pontas dos lenços que lhes cobriam a cabeça brilhavam à medida que agitavam paus aos cavalos e gritavam entre si. As túnicas longas, ou *thaubs*, eram quase todas brancas, embora houvesse uma ou outra de cor cinzenta ou mais escura, às riscas. O turbante consistia em um metro quadrado de tecido de algodão vermelho e branco, preto e branco ou completamente liso, de cor branca, dobrado num triângulo; o designado *mendeel*, sobre o qual era colocado o *mirreer*, um anel duplo de cordão grosso e preto. O grupo aumentava a poeira no ar, o caminho era de pedra, a bagagem parecia-nos cada vez mais pesada e, apesar da sombra, começávamos a transpirar.

Meia hora depois, a fotografia que vira na embaixada da Jordânia no Cairo ganhou vida. Subitamente, de entre as paredes de tijolo vermelho do Siq, acima dos rododendros em flor, conseguimos vislumbrar um recorte do monumento, como uma miragem, iluminado pela luz solar. A fachada remanescente apareceu perante os nossos olhos após o fim abrupto do Siq, abrindo para um desfiladeiro estreito. Pousámos as mochilas no chão e encostámo-nos à rocha, numa nesga de sombra em frente ao que nos pareceu ser a fachada

de um imponente templo grego. Um grupo de turistas subiu os degraus e desapareceu ao entrar no pórtico. Chegou até nós um agradável e suave cheiro a madeira queimada, vindo de um grupo de homens sentados à sombra. Alguns deles, vestidos com túnicas e andrajosos casacos de tipo ocidental, aproximaram-se e tentaram mostrar-nos algo, mas partiram quando acenámos negativamente. Perceberam que éramos viajantes, e não turistas endinheiradas. Observámos a fachada esculpida diretamente na pedra. Chegava praticamente ao extremo do rochedo.

Rashid puxou pelo discurso.

– Isto é al-Khazneh, que em árabe significa «O Tesouro». Foi esculpido na rocha pelos Nabateus, há dois mil anos. Não sabemos se é um templo ou um túmulo. Os Beduínos acreditam que a urna no topo da fachada contém o tesouro do faraó.

A urna estava também esculpida no rochedo, mas na parte lateral era possível ver marcas que pareciam ter sido feitas por uma picareta.

– Mas não há tesouro nenhum, só pedra. Aqui são as marcas dos tiroteios entre os Beduínos.

Beduínos! Havia uma aura de misticismo e romantismo em torno daquela palavra. *Uma sensação de abertura e liberdade*, pensava eu. Agora sim, estávamos interessadas.

«Quem são eles? Que têm de diferente? Podemos conhecer alguns?» Tínhamos ouvido dizer a alguns viajantes, incluindo os neozelandeses com quem ficámos em Amã, que era possível ficar em casa de beduínos em Petra.

Segundo Rashid, os Beduínos eram nómadas e não viviam em casas, como o povo civilizado da tribo dele. Em Wadi Musa, as famílias viviam em casas com janelas de vidro e água canalizada, algumas das quais feitas mesmo de aço e cimento, havendo determinadas famílias que partilhavam um gerador.

– Há um hotel no centro de Petra com duches e gerador – disse ele.

Mas como estávamos mais curiosas do que nunca, Rashid não conseguiu convencer-nos. Queríamos ficar em casa de beduínos.

– Conheço algumas famílias – acabou por admitir. – Se tiverem a certeza de que é isso que querem, posso levá-las até lá e falam com eles.

Tínhamos a certeza. Pegámos nas mochilas e abandonámos a sombra. Não muito longe dali, surgia o vale. Passámos por um anfiteatro esculpido na rocha, à nossa esquerda, e por uma encosta repleta de monumentos, à direita. Havia poucas pessoas na rua: alguns turistas que regressavam a cavalo, mais alguns homens sentados à parca sombra dos rododendros e crianças montadas em burros que chocalhavam jerricás. No ar, o mesmo cheiro a poeira quente e a excrementos secos de cavalo. De ambos os lados do caminho, erguiam-se agora encostas desbotadas de terra e muros em ruína. Não me tinha apercebido da dimensão de Petra. Invejava Elizabeth, cujas viagens pela América do Sul alguns anos antes lhe permitiram antecipar as dificuldades e aprender a obter ajuda, e que, em vez de uma mochila, trazia um saco com duas alças que costumava carregar ao ombro. Os homens estavam exaustos e agora Rashid ajudava-a com a carga, pegando na outra alça do saco, enquanto eu carregava a minha mochila às costas, sem qualquer ajuda. A certa altura da jornada, surgiram duas tendas pretas. Pouca coisa mexia sob o intenso calor. O carreiro deu lugar a uma estrada empedrada. O chão de pedra, branco e gasto, refletia o calor e a luz na nossa direção. Estávamos em junho, era meio-dia: lembrei-me de cães raivosos e ingleses<sup>2</sup>. Arrastávamos as sandálias. Não se ouvia uma palavra. De ambos os lados da rua, habitações que antes teriam sido lojas eram agora invadidas por rododendros empoeirados, com flores cor-de-rosa. Não queríamos saber do templo sem telhado que se encontrava no final da estrada e ignorámos completamente as impressionantes árvores-da-borracha que, ao lado do templo, prometiam sombra; movia-nos apenas o desejo de chegarmos ao nosso destino.

<sup>2</sup> Referência à canção «Mad Dogs and Englishmen», escrita em 1932 por Noel Coward, a maior parte dos versos começa com as palavras: «Cães raivosos e ingleses saem para o sol do meio-dia.» (*N. da T.*)

Seguimos Rashid ao longo de uma comprida e abrasadora cordilheira, até ao local onde uma família de beduínos acampava em tendas. Num dos extremos do pequeno terreiro varrido havia uma parede rochosa com várias entradas escuras. O cheiro a tomate frito, de tão familiar, parecia desajustado da cena. Várias crianças fungosas e de olhos sorridentes encontravam-se dispersas pelo espaço, e uma mulher de trajes pesados estava de pé, atrás de um adolescente, para quem sussurrava enquanto nos olhava desconfiada. Elizabeth, sempre sensata, vestia calças e uma blusa de manga comprida, mas eu estava de calções e *t-shirt* de manga cava, tinha pernas gordas e nem me passou pela cabeça que a minha aparência poderia ser ofensiva. Elizabeth considerou que seria cortês cobrir o corpo, já que nos encontrávamos num país islâmico, mas eu não me importava com isso. Se eles se quisessem tapar, tudo bem; mas eu não me vestia assim e não via por que razão haveria de mudar por causa de terceiros.

Outra mulher aproximou-se do terreiro, de cabeça erguida e pele clara, como a primeira, mas empregando um tom mais ríspido. Disse a Rashid que os maridos não se encontravam em casa e que, por isso, não poderíamos ficar. Desiludidas, guardámos na memória a imagem fugaz das cavernas desabitadas e dos beduínos que víamos enquanto regressávamos encosta abaixo e tentávamos esticar o orçamento para pagar o hotel com duches e gerador.

O hotel, chamado Nazzal's Camp, ficava escondido atrás das altas ruínas do templo sem telhado, protegido pela sombra das enormes árvores-da-borracha. Fora outrora um acampamento de tendas, gerido pela Thomas Cook & Sons, e servira de cenário ao livro *Encontro com a Morte*, escrito por Agatha Christie em 1938, mas agora não passava de um edifício de pedra e cimento com uma escadaria dupla que se estendia até à entrada principal. Tinha uma sala de jantar e um bar bem abastecido no primeiro andar; sucediam-se depois os quartos; foi-nos mostrado aquele que seria o nosso, no interior de cavernas com dois mil anos escavadas na montanha adjacente. Lajes quadradas de betão debaixo das árvores eram o

único vestígio das tendas que haviam sido montadas para receber as multidões que acorriam ao hotel nos tempos áureos, mas tudo isso pertencia ao passado. Na verdade, o encerramento estava iminente. Tinha aberto um novo hotel fora de Petra, pelo que éramos as únicas hóspedes do Nazzal's Camp.

Na manhã seguinte, perguntámos aos jovens que geriam o hotel o que havia para fazer em Petra. Não havia brochuras nem guias. Disseram-nos que podíamos visitar o Sítio do Alto ou o Mosteiro, mas o sol já ardia e nenhuma daquelas sugestões nos deu entusiasmo para tentar a subida, pelo que voltámos ao ponto de partida do dia anterior.

De regresso ao Tesouro, éramos praticamente as únicas pessoas no local. Poderia facilmente ter tirado uma fotografia sem apanhar um único turista, mas a minha máquina era tão básica que não apanhava nem metade da fachada, e Elizabeth não tinha máquina. De ambos os lados do pórtico de entrada havia estátuas de cavaleiros desgastadas pelo tempo, ao lado de cavalos de pedra sem cabeça. Muito acima das nossas cabeças, os frisos de flores estavam intactos, como se tivessem acabado de ser esculpidos. Descobri depois que os Nabateus começaram por ser beduínos nómadas, tendo adquirido importância com o comércio de incenso ao longo da Arábia, a partir do Iémen, inicialmente atacando e, mais tarde, garantindo a passagem em segurança das caravanas de camelos. Começaram a acampar em Petra a partir do século III a.C.; o local viria a tornar-se numa fortaleza natural, devido às muitas nascentes que possuía e às entradas que facilmente se podiam proteger. Durante os séculos que se seguiram, este povo construiu um reino próspero que, no final do século I d.C., se estendia do Sul da Síria ao deserto de Neguev, na Palestina, chegando mesmo à península Arábica, tendo Petra por capital. Os mercadores e artesãos viajavam pelo mundo conhecido e voltavam com novas ideias. A cidade espalhou-se pelas montanhas e os seus habitantes desenvolveram a arte da cerâmica; cunhavam as próprias moedas (algumas com as efígies do rei e da rainha), esculpam grandiosos monumentos nos rochedos que rodeavam o vale e cultivavam

os campos usando todas as gotas de chuva que os céus lhes enviavam. Por volta do século VI, Petra era uma cidade florescente. A alteração das rotas comerciais, os terremotos que por vezes ocorriam e, possivelmente, o clima tendencialmente mais seco, terão sido as causas que levaram ao seu abandono.

Subimos os degraus e espreitámos para o interior. As marcas de escopro feitas há tantos anos ainda eram nítidas e as arestas estavam intactas, mas o chão e os degraus estavam gastos. Enquanto estávamos sentadas nos degraus, de frente para a entrada do Siq, Mohammad Abdallah abordou-nos e convidou-nos para ficar em sua casa.

A consideração que Elizabeth demonstrou para comigo, ao perguntar-me «Que te parece?», revelou-se completamente inútil, na medida em que eu já aceitara a oferta. Ele parecia entusiasmado e nós queríamos aventura.

## Na caverna

Sáímos do hotel nessa tarde e carregámos a bagagem ao longo do caminho de pedra antiga, até à árvore grande onde o nosso anfitrião beduíno disse que nos esperaria. Não parecia haver ninguém por perto e pensámos no que iríamos fazer se ele não aparecesse, até que uma voz nos chamou a atenção.

– Vieram encontrar-se com o Mohammad Abdallah? Ele pediu-me que vos mostrasse o caminho.

Olhámos para cima e vimos um rapazinho a acenar no topo de uma colina íngreme e rochosa, à nossa direita. Obedecemos às suas impressionantes palavras de comando em inglês, cada vez mais surpreendidas enquanto éramos guiadas para a esquerda e para a direita, pelo meio de pedras e sobretudo a subir, até chegarmos junto dele, ofegantes, olhando para a estrada onde tínhamos estado.

– Sei que são vocês por causa das malas – disse o miúdo descalço, com um sorriso radiante de satisfação pela sua esperteza.

Enquanto o seguíamos colina acima, debaixo dos nossos pés crepitava um tapete de fragmentos de cerâmica. Seguimo-lo até uma laje profunda coberta de areia e fustigada pelo sol, onde o nosso anfitrião beduíno nos esperava, junto à fachada de rocha da sua caverna. Tinha tirado o *mendeel*, deixando a descoberto o rosto franco e um escuro e espesso cabelo desgrenhado, mas não havia trocado de roupa nem esquecido o convite.

– *Ahlan-wa-sahlan* – «bem-vindas» –, disse Mohammad, estendendo a mão para nos ajudar a descer o degrau íngreme que nos separava da laje.

Não me pareceu que fosse uma desculpa para nos pegar na mão, na medida em que havia um buraco de dez metros de altura ao lado do degrau de terra mole. Uns atrás dos outros, enveredámos por uma espécie de corredor que se estendia pelo interior da montanha, até uma porta aberta e duas janelas cobertas de rede de arame, numa parede de pedra. A janela à direita da porta era alta, enquanto a outra, do lado esquerdo, ficava ao nível do solo. Acima das pedras e do cimento podia observar-se, de encontro ao céu, o que restava da fachada de rocha vermelha, com as marcas elípticas e onduladas deixadas pelo tempo.

Mohammad havia-se mudado para esta caverna apenas há alguns meses. Reconheceu o potencial do local, apesar de a areia acumulada ao longo de muitos séculos ter coberto a laje, praticamente bloqueando a entrada. Nas tardes quentes, as cabras esgueiravam-se até à sombra e, ao enxotá-las de lá, Mohammad descobriu uma caverna inclinada numa das escarpas, sem vizinhos por perto e de onde se podia ver metade da cidade de Petra. Levou algumas semanas a desimpedir o corredor e a construir uma parede que remendasse a fachada desgastada.

Estava deseioso de exhibir a sua casa. Indicou-nos a entrada. Era uma habitação muito diferente, tanto do Tesouro como do sítio onde ficáramos na última noite: a entrada era baixa, ao nível da nossa cabeça e, quando os olhos se habituaram à escuridão, vimos uma gruta quadrada, com cerca de cinco por seis metros, com um

teto baixo em arco, ao alcance do braço, e um rude chão de cimento. O chão original, que possivelmente ocultaria túmulos e tesouros, encontrava-se alguns metros abaixo, mas Mohammad decidira parar de cavar, tendo cimentado o chão quando considerou que o teto estava a uma altura suficiente. Mohammad também trabalhara na pintura da casa. As fissuras e marcas de escopro eram como uma tela em branco por baixo da sua pintura artística. Até à altura dos ombros, a parede do fundo e as paredes laterais tinham sido pintadas com um verde primário, não muito bonito. No mesmo tom de verde, seis girassóis, com duas folhas cada, nasciam na parede e estendiam-se até ao teto caído, muito ao jeito das minhas pinturas do jardim de infância, com a diferença de serem em tamanho grande.

– É *liiiindo*. – Elizabeth sabia como aumentar a autoestima das pessoas. Eu não concordava, mas absteve-me de comentar.

No chão, atrás da porta de madeira, estava um fogão *Primus* e, ao lado deste, uma bandeja em inox com uma chaleira e copos, por cima da qual havia uma prateleira de madeira, de alguma forma fixa na rocha, com alguns pratos e uma panela. No canto mais afastado, em cima de uma mesa articulada de metal verde, com pernas muito finas, encontrava-se uma mala de viagem vermelha. Havia uma cama com um colchão de esponja e um cobertor por cima, e um grande tapete de algodão cinzento e branco cobria metade do chão. Os pombos tinham feito o ninho no parapeito da janela. Pousámos as malas e um gato amarelo empoleirou-se para brincar com as correias.

O rapazinho resolveu tornar-se útil servindo-nos chá. Tinha olhos profundos e dentes grandes e, quando Mohammad nos ofereceu um cigarro, tirou um para si também. Não queríamos acreditar. Orgulhoso, dissera-nos a sua idade: «Onze anos»; mas não passava de um menino. Mohammad estendeu-nos o seu isqueiro com cheiro a gasolina; eu e Elizabeth tossimos e engasgámo-nos, enquanto o rapaz inalava tão profundamente que parecia fumar desde que nascera. Acenou-nos à despedida, de cigarro na mão, e partiu levando o seu rebanho de cabras para casa.

– Vamos ao Mosteiro ver o pôr do sol – anunciou Mohammad, depois de termos bebido o máximo de chá que conseguimos aguentar; era muito doce, muito forte e não havia leite. – Se formos depressa, conseguimos chegar a tempo. *Yallah!* – «Vamos!»

Apesar de nos parecer demasiado tarde para apanhar o pôr do sol, o tempo havia refrescado e o Mosteiro parecia agora muito mais excitante do que da parte da manhã, por isso, lá fomos montanha abaixo, passando pelo hotel, depois por um vale e subindo um caminho fabuloso talhado na rocha, mal parando enquanto Mohammad nos apanhava flores de alcaparra (suaves pinceladas de rosa sobre pétalas brancas e um cheiro maravilhoso), e mesmo ao chegar ao monumento mais impressionante de Petra, de um dourado intenso ao pôr do sol, não pudemos descansar... o local de onde deveríamos ver o pôr do sol ficava a alguns minutos de distância, no extremo do vale da Grande Fenda. Caímos a rir à gargalhada na laje de pedra, no exato momento em que o sol mergulhou por trás das montanhas a oeste.

Estávamos no topo do mundo. Que vista! Ficou para sempre gravada na minha memória – e registada em fotografia, já que se juntou a nós um palestiniense que dava aulas e vivia na escola local, tendo vindo ao nosso encontro quando vislumbrou uma oportunidade de praticar o seu inglês. Nesse mesmo instante, Mohammad viu uma oportunidade de tirar uma fotografia de nós os três ao pôr do sol.

De volta à caverna, Mohammad acendeu um candeeiro, ligou o fogão *Primus* e fez o jantar. Elizabeth ofereceu-se para descascar as batatas, mas ele tinha apenas uma faca: um canivete que usava para descascar e cortar diretamente para a panela e que também servia de abre-latas.

Enquanto o jantar estava ao lume, sentei-me no chão, sobre o tapete, encostada à rocha, e escrevi um postal à minha irmã, na Nova Zelândia. Era uma fotografia do anfiteatro que víamos na noite anterior, com filas de lugares esculpidas na pedra arenosa. O papel lustrado dava ao local um aspeto polido e cintilante, não passando a sensação de rugosidade seca com que ficámos na noite anterior. Na data,

escrevi junho de 1978. Tinha perdido a noção dos dias e, de qualquer forma, não era um dado importante, porque talvez só fosse enviado dali a alguns dias. Descrevi a luz sob a qual escrevia, o pôr do sol que vira e Mohammad, o árabe beduíno que cozinhou para nós.

Na minha ignorância cultural, não me pareceu estranho que vivesse sozinho, nem me questionei porque não vivia rodeado de uma família de grandes proporções.

– Já trabalhei no Hotel Aqaba – disse-nos a respeito de si próprio. – No porto e no Hotel Aqaba. Também trabalhei no Nazzal's Camp e, aí, depois de lavarmos a loiça, fazíamos espetáculos de danças beduínas para os hóspedes. – Falava da sua vida de solteiro, não fazendo qualquer referência à família.

Entrou um rapaz alto, ainda com buço; pousou junto ao fogão uma trouxa feita com um lenço e agachou-se, olhando para nós. As suas sandálias eram de borracha já estalada e o cinto, muito apertado, segurava as pregas lassas das calças velhas, muitos números acima. Mohammad impeliu-o e, em jeito de apresentação, disse-nos:

– Ele não fala inglês.

O rapaz pôs-se de pé, aproximou-se e nós levantámo-nos para lhe apertar a mão.

– *Izayak* – dissemos, repetindo a expressão que aprendêramos no Egito. Ele olhou para Mohammad.

– Aqui dizemos *keef haalak*, ou *masa-al-khair*, ou *marrhaba*.

Ficámos completamente baralhadas. Nenhuma das expressões aprendidas no Egito servia aqui.

Tentámos «*marahaaba*», mas eles riram-se.

– Digam *shoghilishtayaan* – clamou Mohammad.

– O que significa?

– *Shoghilishtayaan*? Não significa nada. Digam lá – e riu-se. Não tentámos; já tínhamos aprendido palavrões mais do que suficientes na Grécia.

Mohammad serviu a refeição num prato raso e redondo. Era um guisado espesso de batata, cebola, ervilhas de lata, polpa de tomate e carne de conserva. Abriu a trouxa do rapaz e tirou de lá

um pão achatado e redondo, ainda quente e da grossura de uma panqueca, a que chamou *shraak*. Tentaram ambos ensinar-nos a dobrar pedaços de pão em forma de colher, para comermos o guisado. Não era fácil, mas a comida estava deliciosa. Era óbvio que o nosso anfitrião sabia tomar conta de si próprio e das suas visitas.

Descemos o monte para fazer chichi atrás de uns arbustos e, antes de nos deitarmos, lavámos os dentes com um copo de água retirado do jerricá à porta de casa. Aqui não havia duche, mas tínhamos um quarto só para nós, uma vez que Mohammad decidira levar o seu colchão e cobertor para fora e dormir ao ar livre. Usámos as toalhas como almofada e dormimos nos sacos-cama, sobre o tapete de algodão. Ocasionalmente, um zurro de um burro ou o ladrar de um cão quebravam o silêncio. Os pombos arrulharam no parapeito da janela durante um bom tempo. Conseguia ver o pátio empoeirado através da porta aberta e, do outro lado do vale, as montanhas eram banhadas pela luz branca da lua.

Eu estava certa: fora uma boa ideia aceitarmos o convite de Mohammad. Não só iria sair mais barato do que a noite anterior, como era uma experiência muitíssimo mais interessante. Gostava de arriscar. Era destemida e raramente pensava nos riscos que outros poderiam recluir. Comecei a viajar à boleia na Nova Zelândia com apenas quinze anos, para ir à cidade ou à praia e, no Reino Unido, fartei-me de viajar à boleia pelas estradas fora. Elizabeth procurara companhia para a viagem ao Médio Oriente de modo a poder aceitar este tipo de ofertas sem correr demasiados riscos. Nem me passou pela cabeça que pudesse sentir qualquer tipo de nervosismo nesta situação. De qualquer forma éramos duas e ele não era grande, mas nem tal coisa me passou pela cabeça. Procurávamos aventura e tínhamo-la encontrado.

O pequeno-almoço consistia no que sobrara do pão achatado, numa embalagem de triângulos de queijo e em chá quente e açucarado servido em pequenos copos. Concordámos que fora uma sorte termos podido beneficiar daquela «experiência real» de Petra.

Tínhamos conhecido beduínos, visto o pôr do sol e dormido numa caverna. Não precisávamos de ver mais imagens de ruínas, desfocadas e a preto e branco, no livro que Mohammad tirou da sua mala. Nada no texto exaustivamente descritivo e cheio de erros nos inspirava. Arrumámos as malas, prontas para prosseguir viagem. Mohammad não quis aceitar o livro de volta.

– É para vocês. Fiquem com ele para se lembrarem de mim.

No Tesouro, Mohammad dispôs as suas bugigangas para venda sobre uma mesa. Passou uma carrinha de caixa aberta pelo carreiro de gravilha e ele acenou-lhe para que parasse. Arranjou-nos boleia e ajudou-nos a subir para a parte de trás com as malas.

– Têm sorte – disse. – Este é o único carro que existe em Petra e vai para Aqaba!

– Adeus e obrigada. – Apertámos-lhe a mão e beijámo-nos na face. – Iremos escrever e esperamos voltar um dia – dissemos alegremente, como fazíamos com toda a gente que conhecíamos; depois, acomodámo-nos na carrinha.

Atravessámos o Siq aos trambolhões. Uma fita de céu ondeava por cima de nós, entre as altas escarpas do estreito.

Na entrada, o motorista pediu-nos que descêssemos. Obviamente que não partilhava do entusiasmo de Mohammad em ajudar jovens viajantes, a menos que ganhasse algo com isso. Arranjámos outra boleia e, antes do final do dia, Petra já ficara para trás. Instalávamo-nos agora no Hotel e Restaurante Samaka, costa do mar Vermelho.

## Um pouco de história

O Hotel Samaka era perfeito. Comíamos peixe grelhado temperado com alho e molho de *tabina* na esplanada coberta por bambu, acompanhando com cerveja *Amstel* local, produzida sob licença, e nadávamos no mar Vermelho, a partir da praia de areão de granito. Começávamos a pensar em partir – a Síria e o Líbano

esperavam-nos –, quando um homem esguio, com traços de Peter O’Toole e olhos de Omar Sharif, entrou apressado à nossa procura. Apresentou-se como sendo «o taxista»: Ali. Disse-nos que fora enviado por Mohammad Abdallah para nos levar de volta a Petra, para que assistíssemos a um casamento beduíno. Ali falava e gesticulava. Um dos seus dedos não tinha osso – resultado de uma estranha reconstrução depois de um tiro intencional para sair do exército –, ondulando enquanto ele falava. Conseguíamos entender quase tudo o que dizia, mas não sabíamos se deveríamos acreditar.

– Eu beduíno de Petra; mãe... pai, mortos; *irmões* em Amã, morar lá; eu andar escola em al-Quds, Jerusalém. Em 67, guerra. Volto Petra. Estive Inglaterra, Virginia Water. – Nunca ouvira falar, mas ninguém inventaria um nome daqueles! Esticou os dedos indicadores e esfregou-os um no outro, para demonstrar a proximidade com Mohammad. – Mohammad como meu *irmã*, eu fica com família dele, cresce juntos. Este meu táxi, fora.

Na manhã seguinte, Abu Majid, o simpático e calvo dono do restaurante, carregou uma caixa de peixe fresco para a mala do carro, juntamente com as nossas coisas, e partimos em direção a Petra.

Os beduínos chamam-lhe *gismish o naseeb*, que significa «sorte e destino», mas se Mohammad não tivesse enviado o táxi para nos levar de volta, eu teria continuado a minha viagem errante e Petra ter-se-ia resumido a um poeirento interlúdio com um fabuloso pôr do sol.

E se não tivesse conhecido Elizabeth, provavelmente nem teria ido lá. O Médio Oriente não era o meu destino de sonho e pouco sabia sobre os Beduínos, mas tinha passado o último inverno na Grã-Bretanha, húmida e cinzenta, em Salt Cottage, Solway Firth e, apesar da salsicha *Cumberland*, da música dos Supertramp e da companhia de Spike e Crowley, não queria voltar a passar por outra experiência do género. Elizabeth andava à procura de companhia para viajar pelo Médio Oriente e essa ideia pareceu-me mais quente.

Talvez existisse algo de nómada em mim. Os meus pais emigraram da Holanda para a Nova Zelândia antes de eu nascer. Despediram-se dos meus avós e partiram, a minha mãe de navio e o meu pai num dos primeiros voos comerciais para o país. Os incentivos eram maiores para solteiros e, por isso, só se casaram lá. Um «tio» do meu pai tinha um correspondente em Auckland com quem trocava selos, tendo sido aí que se instalaram e casaram. Mr. e Mrs. Combes tornaram-se os nossos avós da Nova Zelândia, mas via-os tanto como aos meus avós da Holanda, porque o meu pai arranjava um emprego como técnico no pomar do DSIR (Department of Scientific and Industrial Research – «Departamento de Investigação Científica e Industrial»), no topo da ilha Sul. Cresci lá, nos montes Moutere, a meio caminho entre Nelson e Motueka, sem um único familiar por perto.

Tinha um irmão mais velho e outro mais novo, Ted e John, respetivamente, e uma irmã mais nova, Anna. Os meus irmãos e eu íamos juntos de bicicleta até à escola de Appleby, parando no lago a caminho de Fraser's Hill, nos dias de inverno para partir o gelo e na primavera para apanhar girinos e rãs para o dia de «Mostrar e Explicar» na escola. Os testes de ortografia não me custavam muito, mas a matemática era difícil. A escola tinha um pátio de recreio enorme e costumávamos travar aromáticas batalhas de relva nos dias em que esta era aparada. Na altura do piquenique anual, Mr. O'Connor levava todas as crianças até à ilha Rabbit, na sua carroça puxada por um cavalo. Os verões eram longos e quentes. Depois do trabalho, o pai levava-nos a nadar ao rio Appleby ou à ilha Rabbit; ou então, ficávamos a jogar *cricket* francês depois do jantar e, ainda assim, íamos para a cama antes de anoitecer. Apanhava sempre escaldões no nariz e todos os anos acampávamos em Totaranui, com as suas areias douradas e os seus arbustos, marca característica da flora local. O meu trabalho diário consistia em dar de comer às galinhas e recolher os ovos; eu, Ted e John fazíamos turnos para secar a loiça do jantar: trinta objetos cada um, enquanto o pai lavava.